La Comédiathèque

Happy dogs

Monólogo tragicómico



Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net

Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente. Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos direitos de autor. Solicitar autorização:
https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/

Happy Dogs

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Após perder o cartão de identidade na sequência de um equívoco aparentemente banal, um homem parte à procura da sua identidade, até acabar por resignar-se a tornar-se outra pessoa. Entre o romance negro e o fantástico, um breve relato na primeira pessoa, tragicamente cómico, que pode também ser levado à cena como monólogo teatral.

© La Comédiathèque

Está um frio de rachar. Daqueles em que não se deixa um cão na rua. E, no entanto, já há vários à espera diante da porta fechada da Happy Dogs. Sobretudo caniches. Brancos, pretos... E de outras raças também, suponho. Não percebo grande coisa de cães. Sei apenas que os cãezinhos de colo das senhoras de idade são o ganha-pão dos salões de tosquia. Tal como as próprias senhoras de idade são o ganha-pão dos cabeleireiros de senhoras. Aliás, aqueles caniches têm praticamente o mesmo penteado das donas. E o mesmo casaquinho. Não tenho nada contra os cães pequenos, atenção. Nem contra as velhotas. Mas aqui, no passeio, sou o único sem casaco. Como um idiota, achei que não valia a pena. A Happy Dogs fica mesmo por baixo da minha casa e abre às dez. Pensei que era só descer e voltar a subir. Mas são dez e um quarto e a porta continua fechada. Podia voltar mais tarde, claro. Mas agora que já aqui estou... A dona deve aparecer com as chaves e uma desculpa esfarrapada: perdi o autocarro, o meu mais novo está com gripe, ou a minha mãe morreu esta noite. Os meus sentimentos. Entretanto, eu estou a gelar.

Já sei o que estão a pensar: que faço eu à espera, com cinco graus negativos, à porta de um salão de tosquia, se nem sequer tenho cão? Até ao barbeiro só vou uma vez por ano. E, se encontrasse fila nesse dia, acreditem que deixava o corte para o ano seguinte. Portanto, não, não vim meter conversa com as velhinhas. Que ideia fazem vocês de mim? Vim levantar uma encomenda. Só isso. A Happy Dogs é o meu ponto de recolha. Hoje em dia, com os centros das cidades cada vez mais desertos, o pequeno comércio tem de arranjar maneira de sobreviver. Para adiar a falência mais umas semanas, antes de baixar definitivamente a porta e abrir o gás, os comerciantes também aceitam encomendas. Uma tabacaria, uma mercearia, uma florista... Agora pode-se levantar uma compra feita na Internet a dois passos de casa. Em qualquer estabelecimento. Bem, talvez não numa sex shop, numa peixaria ou numa agência funerária. Há que reconhecer que é mais cómodo do que ir fazer fila aos correios. Desde que a senhora abra a porcaria da loja a horas, claro, porque aqui... Nos correios, pelo menos, estaríamos à espera ao quentinho. Eu e estes pobres bichos.

Aparece um rapaz cheio de borbulhas, com o capuz enfiado na cabeça, a avançar sem pressa nenhuma e a escorrer suor, apesar do frio polar e da lentidão dos movimentos. Tira vagarosamente um molho de chaves do bolso de um casaco informe. Enquanto tenta introduzi-las uma a uma na fechadura, sem sequer se dar ao trabalho de tirar as luvas, explica-nos que o despertador não tocou. A ouvi-lo, parece que a vítima é ele. Não sei se alguma vez houve uma ação coletiva contra fabricantes de despertadores que se recusam a tocar. Ou de almofadas que avariam. Deve ter uns dezasseis anos. Dezoito, talvez. Ou vinte. Tenho dificuldade em calcular idades. Para os brancos, todos os negros são parecidos; para os velhos, todos os jovens têm a mesma idade. Este é bastante alto. Um pouco obeso. Embora não saiba se se pode ser um pouco obeso. Obeso já é muito. Digamos, portanto, bastante gordo. Tem uma cara de querubim. Também não sei bem o que quer dizer «querubim», mas parece-me a palavra certa para aquela carinha de parvo rechonchudo, quase escondida por um cabelo comprido e francamente oleoso. E, porra, se preferem páginas e páginas de descrições cheias de palavras raríssimas cujo significado o autor teve a paciência de confirmar no dicionário, voltem a ler Zola. Hoje ninguém abre um dicionário. Procura-se na Internet. Entre duas grafias, escolhe-se a que aparece mais vezes, convencido de que será a correta. Partindo

do princípio, tão democrático, de que uma maioria nunca pode estar errada contra uma minoria. De que um erro suficientemente popular é a norma de amanhã. E de que uma falta de gosto, quando adotada por uma elite, acaba por se impor como o cúmulo da elegância. Foi assim que, em certos meios, passaram a usar-se mocassins com borlas. Sem meias.

O adolescente entradote usa botas militares. Está vestido de preto dos pés à cabeça, em estilo paramilitar. O uniforme completo do tipo sem vida própria que atravessa a existência como se estivesse num videojogo, de olhos colados ao ecrã e dedo no gatilho. Enfim, tem um ar bastante sinistro. Consigo imaginá-lo num campus universitário americano, de espingarda automática, a disparar sobre tudo o que mexe: os professores que o humilharam, os colegas que lhe fizeram a vida negra sem motivo e as raparigas que ele perseguiu sem resultado. Mas imaginam um massacre num salão de tosquia para cães? Já estou a ver as manchetes: «Massacre na Happy Dogs: seis vítimas, entre elas três pequineses, dois dogues alemães e um galgo afegão. A dona, de raça desconhecida, encontra-se entre a vida e a morte.» Não, não seria coisa séria. Nem o Estado Islâmico aceitaria reivindicar o atentado. E, no entanto, tenho na cabeça aquela canção dos Talking Heads: Psycho Killer... Qu'est-ce que c'est? Se calhar era melhor fugir a correr.

Por fim, o psicopata encontra a chave certa. A porta abre-se e todos os cães começam a ladrar em coro. Como fui o primeiro a chegar, preparo-me para entrar logo atrás do Cérbero, mas uma mulher passa-me à frente, na esperança de me ultrapassar à meta. Não a vi chegar. Também não traz cão. Corto-lhe a passagem. «Desculpe, mas eu estava primeiro e tenho alguma pressa...» Ela afasta-se com um sorriso irónico. Devo ter todo o aspeto de quem não tem nada urgente para fazer. «Peço desculpa, não sabia que havia senhas.» Entro, portanto, à frente dela, seguido por uma matilha de cães em fúria. Tenho a sensação de participar numa caçada, no papel do javali. Acho até que um daqueles rafeiros me mordeu os calcanhares. Prefiro não lhe dar importância.

Mal entro, fico com a garganta apertada pelo cheiro nauseabundo que impregna até o papel de parede descolado deste salão de cabeleireiro para cães, miserável e decadente. O cheiro a cão é pior do que o cheiro a tabaco. Pode-se aspirar o pelo, esfregar tudo com desinfetante e despejar litros de ambientador: nunca desaparece por completo. Já entraram no carro de alguém que tenha um pastor-alemão? Mesmo que o cão tenha morrido há três meses, continua a cheirar mal. Quero dizer, mesmo que o cadáver não tenha ficado na bagageira esse tempo todo e que o admirador de cães-polícia não fume um maço de cigarros por dia. Prendo a respiração. Mas há um momento em que é preciso voltar a respirar. E tudo indica que a minha permanência aqui vai exceder largamente a minha modesta capacidade de apneia. Só quero levantar a encomenda, sair deste canil e voltar para a minha casota. Mas o tarado que podia pôr fim ao meu suplício não parece ter pressa. Já desapareceu na arrecadação. Provavelmente para desligar o alarme e ligar a máquina do café. Tenho tempo para olhar à minha volta. Para evitar cruzar o olhar da mulher a quem passei à frente, examino os produtos expostos, fingindo interesse. Acessórios de couro, coleiras com tachas, correntes, trelas... Se não soubesse que estava na Happy Dogs, diria que entrei numa loja de artigos sadomasoquistas. Na versão zoófila, a julgar pelo cheiro a jardim zoológico.

O aprendiz de assassino em série regressa com um sorriso comercial. «Quem é o próximo?» Mostro-lhe imediatamente o papel onde apontei o número de encomenda recebido por correio eletrónico. Pega nele e lança-lhe um olhar distraído. «Então, uma encomenda em nome de...» Levanta a cabeça. «Há mais alguém à espera de uma encomenda? Assim poupo uma viagem.» Toda contente, a minha rival também ergue o papelinho, como se fosse a combinação vencedora do último Euromilhões. Lança-me um sorriso de desforra. Afinal, apesar da minha grosseria, nem sequer serei atendido primeiro. «Podem mostrar-me os documentos de identificação, por favor?» Entrego-lhe o meu com desconfiança, hesitando um instante antes de o largar. Ele puxa com mais força para mo arrancar da mão, com um sorriso sádico. Continua de luvas. Será para não deixar impressões digitais? Seja como for, se quero a encomenda, não tenho alternativa. Guarda os dois cartões no bolso e, antes de voltar à arrecadação, dirige-se à matilha: «A patroa está quase a chegar. Já trata de vocês.» Os cães ladram ainda mais. Continuo sem perceber se é por estarem impacientes para serem tosquiados ou na esperança vã de escapar a essa provação. Nem sempre é fácil perceber os cães.

O gorducho regressa com duas caixas mais ou menos do mesmo tamanho, uma em cima da outra. «Eh lá, isto pesa! Que é que vem aqui dentro?» Acha que lhe vou dizer, imbecil? Não estamos na alfândega e tu não és polícia. A minha concorrente, mais simpática ou mais desejosa de me ganhar a partida, informa-o de que são livros. Ele está-se nas tintas, evidentemente. Nem sei se sabe ler. Pousa as duas caixas na ponta do balcão e saca do terminal eletrónico para assinarmos a receção. Enquanto me esforço por rabiscar uma assinatura minimamente legível naquele ecrã minúsculo, com uma caneta tátil do tamanho de uma cotonete presa por um elástico demasiado curto, observo, preocupado, as duas caixas em equilíbrio precário. Volto a olhar para o ecrã e examino o resultado dos meus esforços. Eu próprio não reconheceria a minha assinatura. Podia ter feito uma cruz. Mas parece que ninguém se importa. Chamam-lhe progresso. Um baque surdo desvia-me a atenção do ecrã. As duas caixas acabam de cair ao chão. O gordo cheio de borbulhas apanha uma e enfia-ma nos braços, sem perguntar nada. Lanço-lhe um olhar fulminante. «Olhe que isto é frágil! Espero que esteja bem embalado, porque senão...» Responde-me com ironia: «O importante é que ninguém se magoou.» É verdade que, se uma daquelas criaturas do tamanho de um rato grande tivesse levado com a caixa em cima, provavelmente não voltaria a marcar hora no cabeleireiro.

Ansioso por sair, já me dirijo para a porta quando o rapaz me chama, a rir-se. «O seu cartão!» Pois é, tinha-me esquecido. Mas para que precisava ele de levar os meus documentos para a arrecadação? Para quê? Para confirmar a minha identidade? Com medo de que eu tivesse mandado entregar a mim próprio uma bomba-relógio programada para a quadragésima nona hora? Pego no cartão, enfio-o no bolso e saio sem olhar para ninguém, com a caixa nos braços. Pronto, estou na rua. Salvo. Encho os pulmões de ar fresco. Antes partículas finas do que este cheiro a cão...

Subo diretamente para casa. Quinto andar, sem elevador. A maldita caixa é mesmo pesada. Deixo-a no corredor. Devia pôr-me a trabalhar, mas não tenho coragem para abrir já o meu presente. Primeiro vou tomar um bom banho para aquecer. E mudar de roupa. Tenho a impressão de continuar a cheirar a cão. Mergulho na água a escaldar. Agora cheiro a cão molhado. A cachorro-quente. Devia ter aproveitado para beber um

café lá em baixo; talvez me despertasse. Mas já estou suficientemente enervado. Acabo por adormecer na água morna. E tenho um sonho estranho. Sou romancista. Ou serei quando escrever o meu primeiro romance. Para fazer bolos ou desentupir sanitas, uma pessoa vai à escola e sai de lá com um diploma de pasteleiro ou canalizador. Depois faz bolos ou desentope canos de esgoto. É simples. Para romancista não há diploma. É como para psicanalista. Para se ser escritor é preciso apresentar uma obra-prima, como os antigos mestres dos ofícios. Só que aqui não há confraria nem aprendizes: estamos sozinhos. É ao pé do muro que se vê o pedreiro. E diante da página em branco que se vê o escritor. Tornar-se escritor é passar das Páginas Brancas às Páginas Amarelas. Do anonimato à profissão reconhecida. Enquanto não se escreve nada, não se passa de um mitómano vulgar, passível de processo por exercício ilegal de verdades alternativas. E, enquanto não se vende um livro, não se passa de uma prostituta a trabalhar de graça por falta de clientes dispostos a pagar-lhe os encantos. Por agora sou apenas um desconhecido que precisa de fazer um nome. E ainda não tenho a mais pequena ideia para o meu primeiro romance...

Acordo com a água gelada. Quanto tempo terei dormido? Podia ter-me afogado. A polícia concluiria provavelmente que foi suicídio. Morrer por descuido, depois de adormecer na banheira, não é propriamente glorioso. Morreu como viveu: estupidamente. Será preferível que pensem num acidente ridículo ou num derradeiro ato de liberdade? Mas porque estou a falar como se já tivesse acontecido? Ainda não morri, pois não? Embora isso possa mudar se ficar mais cinco minutos neste líquido glacial. Eu que queria aquecer... Saio da água, esfrego-me com a toalha e visto-me. Tenho fome. O frigorífico está tão vazio que me pergunto por que continuo a mantê-lo ligado. Que horas são? O relógio parou. A pilha morreu. É curiosa, a duração de vida de uma pilha. Dizem que pode chegar aos cinco anos. Cinco anos. Como certos mandatos presidenciais. O suficiente para esquecermos as promessas que ficaram por cumprir. Mas não o bastante para apagar a sensação de termos sido enganados. Quando a pilha acaba, pergunto-me sempre: quando foi a última vez que a mudei? Onde estava? Que fazia? Com quem? Estava mais vivo do que agora? Mais feliz? Quantas pilhas de relógio ou de pacemaker me restam antes da última? Não me apetece descer à tabacaria para comprar outra. Mais valia comprar um relógio novo. Quando se muda a pilha, normalmente o relógio deixa de ser impermeável. Não faço mergulho, mas se for preciso tirar o relógio sempre que tomo banho... Encomendo uma pizza. A esta hora já não deve ser tempo de pequeno-almoço. Devia trabalhar. Não me apetece. Depois de comer, logo se vê.

Ligo a televisão enquanto espero. Oh, não... As eleições, precisamente. As primárias do centro. Sete anões a discutir qual deles terá o direito de beijar a Branca de Neve. Quando a única hipótese de ficarem à altura seria subirem uns para cima dos outros. Dá vontade de voltar à banheira depois de engolir uma caixa de comprimidos para dormir. Desligo a televisão. A caixa continua no corredor. Estou prestes a abri-la quando tocam à campainha. É a pizza. Bem, não veio sozinha. No patamar está um tipo de capacete na cabeça e uma caixa de pizza na mão. Não tenho dinheiro comigo. «Posso pagar com cheque?» Pede-me um documento de identificação. Tem de anotar o número. Definitivamente, não é o meu dia. Toda a gente põe em causa a minha identidade. Até os estafetas de pizzas. Um dia destes, o empregado da esquina vai exigir-me o cartão de cidadão antes de me servir um café.

O Daft Punk do capacete olha desconfiado para o meu documento. Depois para a minha cara. E de novo para a fotografia. «Há algum problema?» Devolve-me o cartão e afasta-se, aparentemente com pressa. Que sensação estranha, um desconhecido de capacete integral a exigir que eu prove quem sou, ali mesmo, à porta de casa. Por momentos, julguei que nem sequer me ia deixar entrar no meu próprio apartamento. Percebo agora o que deve sentir um mexicano parado por um motociclista de documentos falsos, algures na Route 66. Está bem, a Route 66 não é propriamente o caminho que um mexicano escolheria. Mas eu nunca disse que percebesse muito de geografia. É a única estrada americana que conheço. Além da velha estrada nacional 7, em França. Que foi? Que é que a minha cara tem? Olho distraidamente para o cartão que ele acabou de devolver. E recuo, espantado. Onde devia estar a minha fotografia aparece a de uma mulher de meia-idade...

Felizmente o homem deixou-me a pizza. E devolveu-me o cartão. De resto, que havia ele de fazer com ela? Com a pizza, quero eu dizer. Reaquecê-la para outro cliente? Já não é grande coisa quando sai do forno pela primeira vez. Pelo cheiro, está bastante queimada. Se voltasse ao forno, seria para a cremação. Deve ter-me tomado por um desequilibrado. Ou por uma pessoa transgénero. Talvez por isso me tenha deixado a pizza. Com receio de que uma associação o acusasse de discriminação. Ou talvez só quisesse sair daquela casa de loucos. Porque isto é mesmo uma história de loucos. Quem é esta mulher? Que faço eu com o documento de identidade dela e onde está o meu? Bem, não é difícil adivinhar. A única vez que saí hoje foi à Happy Dogs. Aquele cretino deve ter-me dado o cartão de outra pessoa. Que, por sua vez, saiu com o meu. Quem sabe se não o fez de propósito, o pequeno perverso? E eu bem desconfiava dele. Mas como havia de imaginar que me entregaria um cartão falso? Bom, não deve ser falso. Só não é o meu. Que diferença faz? Tenho de voltar lá antes de fecharem.

Desço as escadas aos saltos, furioso. Afinal, até foi uma sorte o estafeta me ter pedido identificação. Senão... Uma pessoa não passa a vida a verificar se a fotografia do cartão de identidade mudou. Nós é que mudamos, ano após ano, não a fotografia. Se um dia deixamos de nos reconhecer, é porque o nosso cabelo ficou branco, não porque a fotografia amareleceu. Mas, no meu caso, até mudei de sexo. Podia só ter dado por isso meses depois, na altura de embarcar num comboio ou num avião. Não, isto é de uma irresponsabilidade completa!

Abro a porta da Happy Dogs como quem entra num saloon, pronto a puxar da pistola. «Onde está aquele anormal?» A senhora atrás do balcão demora a perceber de quem estou a falar. Explico-lhe. Finge compreender o meu problema, sem pedir propriamente desculpa. O idiota não está. É estagiário. Só trabalha de manhã. Ela olha para o cartão de identidade. A mulher não é cliente do salão, portanto não a conhece. É apenas alguém que veio levantar uma encomenda, como eu, e que talvez nunca mais apareça. Uma cliente ocasional, não uma cliente habitual, inscrita no clube canino e com cartão de fidelização. Não, não têm os contactos dela. Não há maneira de a encontrar. Mas talvez apareça quando se aperceber do engano. Pois, claro... Daqui a seis meses ou um ano. Se entretanto não tiver morrido.

A comerciante olha-me com um ar falsamente pesaroso e vagamente desconfiado. «Tem a certeza de que é um engano?» Apetece-me esganá-la. Mostro-lhe o cartão de identidade de uma mulher e ela pergunta se tenho a certeza de que é um engano. Arranco-lho das mãos. Nem pensar em deixá-lo ali, à espera de que a mulher venha devolver o meu. Ao menos tenho uma moeda de troca. Porque, evidentemente, ela está metida na mesma alhada que eu. Também perdeu a identidade. Quer dizer, o cartão de identidade. Deixo o meu número à cabeleireira dos caniches, para o caso de haver notícias, e aconselho-a a escolher melhor os estagiários. Murmura qualquer coisa que prefiro interpretar como uma promessa. Saio, sem me sentir mais calmo. Resta-me investigar por minha conta...

Aproveito para comprar uma pilha na tabacaria. Sempre sai mais barato do que comprar um relógio novo. O ponteiro dos segundos volta a andar. Bebo um café no balcão de um bar. Ao meu lado, uma mulher de certa idade está encostada ao balcão. O perfil diz-me alguma coisa, mas não me lembro do nome. Será a mulher que levou a minha identidade? Como saber? Fiz os possíveis para não cruzar o olhar dela. Não me vejo a abordá-la para perguntar. Pode ser ela. Ou qualquer outra mulher desta cidade. Olho para o documento. Um nome. Uma morada. Por sorte, mora no bairro. Pelo menos, segundo a morada que consta no cartão. Pode ter mudado de casa. O documento já tem alguns anos. Está quase caducado. O café está morno. Odeio que me sirvam café morno. Ou talvez tenha sido eu a demorar a bebê-lo. Tinha a cabeça noutro sítio. Esta história começa a tornar-se uma obsessão.

A mulher que estava ao meu lado já vai a caminho da porta. Tarde de mais para lhe perguntar se não traz na mala o meu cartão de identidade em vez do dela. Volta-se uma última vez, como quem agradece os aplausos antes de sair de cena. Já sei quem é. Uma atriz que há anos aparece na televisão. Quer dizer, que aparecia, porque agora vê-se cada vez menos. A partir de certa idade, as atrizes reconhecem-se melhor de longe do que de perto. Sobretudo sem maquilhagem. A realidade não gosta de grandes planos. A verdade percebe-se melhor à distância. Mas quem é esta mulher? Não essa meia-vedeta em fim de carreira. A mulher que me roubou a identidade. O empregado do bar lança-me um olhar irónico. E se ele também estiver metido nisto? Estou a ficar paranoico. Talvez tenha um pouco de febre. Prefiro ir-me embora sem acabar aquela zurrapa de café.

Ao voltar para casa, a primeira coisa que vejo é a caixa da pizza. Mais vale comer alguma coisa. Embora agora a pizza também deva estar fria. E, por isso, ainda mais intragável. O destino do universo, desde o nascimento até à morte, é uma longa e lenta degradação do calor para o frio. Até ao zero absoluto e à imobilidade total, que são a morte de todas as coisas. Abro a caixa. Tinha pedido uma vegetariana. É de atum. E pelos vistos com dose extra de atum. Detesto atum. Faz-me mal ao estômago. Definitivamente não é o meu dia. Faço os possíveis por retirar a maior parte da cobertura e começo a comer. Enquanto mastigo aquela pizza sem nada, quase tão tenra como o cartão que a embalava, olho para o desenho da caixa. Um pizzaiolo vestido de verde e vermelho, de barrete de cozinheiro, a enfiar uma pizza num forno à antiga com uma pá de madeira comprida. Quem come com o diabo precisa de uma colher comprida. Ele deve tê-la deixado demasiado tempo no forno. Parece que estou a mastigar carvão. Sob o irónico «Bom apetite», alguém escreveu à mão o nome do feliz

destinatário e a morada. Estremeço de novo. A morada é a minha, mas o nome não. É o da mulher cujo cartão de identidade tenho! Mas isto é inadmissível! É uma conspiração! Quem se atreve a entrar assim na minha vida? Já estou a ver que o atum me vai ficar atravessado. Tirei quase tudo, mas sobraram migalhas. O melhor é deitar-me.

Acordo encharcado em suor. É de noite. Que horas serão? O relógio parou outra vez. Afinal não era da pilha. Devia ter comprado um relógio novo. Agora é tarde. Se comprar um, vem com pilha e fico com esta a mais. «Só se gasta quando se usa», diziam os anúncios. Pois sim. Vai gastar-se ao mesmo tempo que a outra e ao mesmo ritmo, mas sem servir para nada. Como um coração que bate sozinho, por uma vida sem utilidade. Porque um impostor se foi embora com o resto do corpo. Com outro coração. Como um coração solitário que já se habituara à ideia de ser transplantado e a quem anunciam, à última hora, que o recetor arranjou coisa melhor noutro lado. Tenho absolutamente de encontrar aquela mulher. Procuro a morada num mapa. Fica a poucas ruas daqui. Consulto as Páginas Brancas. Nenhum número de telefone. Páginas Brancas... Nunca um nome foi tão bem escolhido. Quem é que ainda põe o número de telefone numa lista hoje em dia? Antigamente, para provar que existíamos, bastava aparecer na lista telefónica. Nome, apelido, morada, número. Agora até podemos desaparecer sem deixar de pagar a assinatura. O progresso tem destas coisas. Uma lista de gente que já lá não está. Talvez por isso as páginas tenham ficado brancas. Amanhã vou à morada do cartão. Logo se vê.

Não é um apartamento, nem uma moradia. É mais uma espécie de loja onde nada parece estar à venda. Ou uma loja com a montra do lado errado, virada para a arrecadação. Lá dentro vejo duas secretárias, computadores e armários. Alguns objetos decorativos também: pequenas peças de mobiliário de desenho original, candeeiros extravagantes, bibelôs. Não sei se aquelas peças artesanais, ao contrário dos móveis de escritório ao estilo Ikea, estão mesmo à venda. Nem por quanto. Estranho negócio. Não vejo ninguém, mas a luz está acesa. Logo, está aberto. Espero um pouco no passeio, na esperança de que alguém apareça. A dona. Ou clientes. Mas não há propriamente uma multidão à porta. Ainda menos do que na Happy Dogs. Sinto-me pouco à vontade, depois do primeiro encontro, nada caloroso, com a gerente daquela estranha loja. Por outro lado, não vim pedir-lhe um favor. Ela também há de querer o seu cartão de identidade. Se já reparou que não o tem, claro.

Por fim, abre-se uma porta no escritório e aparece uma mulher. Afinal, não é nada de se deitar fora. Pelo menos à distância. Não sei que idade lhe dar. Ainda bem. As mulheres de quem mais gosto são aquelas a quem não se consegue atribuir uma idade. Na ponta inferior da escala, quando já se consegue dizer a idade de uma rapariga, está-se perigosamente perto de um crime contra menores. Na outra ponta, quando se volta a conseguir calcular a idade, corre-se o risco de se passar por gigolô. A mulher ideal, para mim, não tem idade. As muito novas têm graça durante cinco minutos. Mas não têm conversa. Nem sentido de humor. E paciência, muito menos. Não sabem apreciar um bom vinho. Bebem sumo de uva. Ou cola com vodca e depois vomitam por todo o lado. Quanto às muito velhas, não sei. Prefiro continuar sem saber. Haverei de descobrir suficientemente cedo. Por enquanto, o meu território são as mulheres de idade indefinida, com quem ir ao restaurante não é uma formalidade, mas parte dos

preliminares. Porque há que pensar no dia em que só nos restar o restaurante. Se ainda tivermos estômago para isso. Na pior das hipóteses, restar-nos-á o prazer da conversa, acompanhado por uma bela tisana «Noite Tranquila».

Empurro a porta da loja e entro. Sentada ao computador, ela não levanta logo a cabeça. Talvez para mostrar que aqui não se salta em cima de um cliente assim que entra. Estão acima disso. Não vendem aspiradores. Aliás, não vendem coisa nenhuma. Aproximo-me timidamente, depois de fingir observar a decoração, à procura desesperada de um objeto com etiqueta de preço. Finalmente digna-se olhar para mim, parece surpreendida e levanta-se. «Posso ajudá-lo?» Ao contrário da atriz que vi no café, esta é melhor vista de perto do que de longe. Mas continuo sem a reconhecer. Até a convidava a dar uma volta pela minha casota, para partilharmos um petisco. Só que, na primeira vez que a vi, na Happy Dogs, eu estava de péssimo humor. Quase lhe ladrei. Não se preocupem: estou apenas a prolongar a metáfora. Não vou dar uma de romancista experimental, daqueles que só na última página revelam que afinal o narrador era um cão.

Sinceramente, se não fosse a morada, nem teria a certeza de ser a mulher com quem me cruzei na Happy Dogs. Também não se parece muito com a fotografia do cartão, mas pronto... As mulheres mudam facilmente de cara. Basta irem ao cabeleireiro. E pode ser uma fotografia antiga. Ou talvez, há muitos anos, também a ela tenham dado por engano o cartão de outra pessoa e nunca tenha reparado. E esse mesmo cartão é que me terão entregado a mim. É como tirar do bolso uma nota de dez euros e tentar descobrir quem foi o seu primeiro dono, guiando-nos apenas pelo desenho que traz impresso. Uma nota de banco é suja. Passa de mão em mão. Atravessa fronteiras. Um cartão de identidade, pelo contrário, devia ser exclusivo de cada pessoa. Só o mostramos a profissionais credenciados: polícias, funcionários das alfândegas, médicos... Nunca nos devemos separar dele. E muito menos trocá-lo pelo de outra pessoa. Sobretudo se essa pessoa não for do mesmo sexo que nós. Tenho a cabeça cada vez mais baralhada. Por um instante, até me esqueço do que vim fazer aqui. Está bem, a mulher é interessante, mas não a ponto de me perturbar assim tanto. Ou então estou muito mais desesperado do que julgava.

Começo a gaguejar uma explicação. Se costuma ir à Happy Dogs, se lá esteve recentemente... Ela parece cada vez mais perplexa. Se pensa que isto é um pretexto para meter conversa, deve estar a achar que nunca ouviu uma tentativa de engate tão estranha. Não sei se vai apreciar a minha originalidade. Mas devo ter um ar tão patético que acaba por ter pena de mim. Se calhar toma-me por um sem-abrigo. Um sem-papéis. Ou um louco inofensivo que fugiu de um hospital psiquiátrico à procura de um pouco de calor humano. «Quer um café?» Interpreta o meu silêncio como um sim e serve-me uma chávena. «Obrigado.» «Açúcar?» «Não, obrigado.» Digo-o por delicadeza. Detesto café sem açúcar. Mas bebo-o, fazendo os possíveis para não torcer o nariz. Ao menos está quente. Explico-lhe que perdi o cartão de identidade. Já não sei se devo acrescentar que tenho o dela. Pergunto se, por acaso, não o terá encontrado. «Encontrado? Onde?» «Sei lá... Na sua mala, por exemplo.» Pela expressão dela, percebo que vou ter de desenvolver um pouco a explicação.

Mas a porta por onde ela apareceu abre-se outra vez e surge uma segunda mulher. Pelos vistos, aquela arrecadação tem outra arrecadação por trás. E assim sucessivamente, talvez. Como as bonecas russas. A loja, quero eu dizer. Já que falamos em bonecas,

aquelas duas também não são nada más. Uma loura e uma morena. Não sei se também encaixam uma dentro da outra. A primeira, a loura, explica o meu caso com alguma compaixão: «Este senhor perdeu os documentos.» «Que estranho», diz a morena. Ah, é? Explica-me que é artista plástica. Recupera fotografias de desconhecidos e inventa-lhes histórias. Examino as fotografias. Um daqueles desaparecidos parece-se vagamente comigo. E todas as imagens têm qualquer coisa de inquietantemente familiar.

A morena observa-me com insistência. Interessa-se, pelos vistos, pelos vestígios fotográficos de pessoas que não conhece. Fotografias encontradas em lixeiras. Ou em feiras de velharias. Detesto feiras de velharias. Há uma no meu bairro todos os outonos. Nada se parece tanto com uma lixeira como uma feira de velharias. Tirando os preços. Pessoas de todas as terras à volta alugam bancas a preço de ouro e levam para lá a tralha que querem despachar. Pratos lascados, roupa interior que deixou de servir ao filho mais novo, computadores pré-históricos... O pior é que aquilo se vende. Às vezes pelo preço das coisas novas. Muito pitoresco. E muito deprimente. Há também uma feira popular. As feiras populares são curiosas: existem fora do tempo. Mesmo quando eu era pequeno já estavam ultrapassadas. E desde então não mudaram. As mesmas diversões, o mesmo algodão-doce, a mesma música insuportável, com canções tão obscuras que nem uma sociedade de autores conseguiria encontrar quem as compôs. Mais uma voltinha! O classicismo é aquilo que nunca passa de moda. As feiras populares são o contrário: aquilo que nunca esteve na moda e continuará eternamente antiquado. E, no entanto, as famílias continuam a levar os filhos, como se fosse um rito de passagem. É assim a vida: uma lixeira ao ar livre em que até a porcaria está à venda. E a única diversão é uma volta no carrossel, uma vez por ano.

Não ouvi muito bem o princípio da explicação. Estava a pensar na história da lixeira. A morena descreve o seu trabalho artístico. Recolhe do lixo da sociedade os vestígios de indivíduos que a própria sociedade deitou fora. Depois tenta imaginar o original. Dar vida àqueles fantasmas. Agarro-me a essa ideia para mostrar que estou a ouvir, antes que me faça uma pergunta a que eu não saiba responder. «Eu sou o contrário. Ainda estou aqui, mas perdi os meus vestígios. Pelo menos, não tenho um cartão com a minha fotografia para provar que existo.» Começo a perceber o que sentem os refugiados que chegam à Europa e se desfazem dos documentos para não serem mandados de volta. Só que eu queria recuperar o meu e voltar para casa. Elas sorriem. Não sei por que razão aquelas duas mulheres me recebem com tanta amabilidade e me falam tão abertamente da vida delas. Sinto-me bem ali. Quase no paraíso. E sinto-me culpado por ter sido tão grosseiro com uma delas, só por causa da ordem de chegada. Agora até me custa regressar ao verdadeiro motivo da visita.

Por educação, pergunto à loura o que faz. Afinal, foi a ela que vim procurar. Ou julgo que sim. Responde-me que é vidente. A princípio acho que está a brincar. Mas tem sentido de humor suficiente para não se ofender. Já vos disse que as mulheres de uma certa idade têm muito sentido de humor. Mesmo assim, a profissão arrefece-me um pouco o entusiasmo. Uma relação com uma vidente pode tornar-se previsível num instante. Viver com alguém a quem não se pode esconder nada, e que ainda por cima conhece o nosso futuro... Embora nem tenha reparado que saiu da Happy Dogs com o meu cartão de identidade. Isso tranquiliza-me. Mas uma vidente? É quase uma bruxa,

não é? Ainda que esta seja bastante encantadora. Teria medo de que, durante a noite, espetasse agulhas numa boneca à minha imagem para me castigar por maldades que cometi. Ou que ainda nem cometi. Pergunta-me o que faço na vida. Para a desafiar, e porque eu próprio já não sei bem o que responder, sugiro que adivinhe.

Oferece-se, muito amavelmente, para me ler a palma da mão. De graça, suponho. Não me entusiasma. Se me vai acontecer alguma desgraça, prefiro que seja uma surpresa. Mas deixo-a tentar. Pega-me na mão. Seria apenas um pretexto? Tem a palma quente e macia. Não diz nada. Começo a sentir-me constrangido. Ela também parece pouco à vontade, mas talvez por outras razões. «Más notícias?» «Não. É que não vejo linhas nenhumas na sua mão.» «E isso é mau sinal?» Procura desdramatizar. «Bom, se é romancista, não lhe prevejo grande futuro.» «Porquê?» «Já lhe disse: não vejo uma única linha na sua mão!» O sentido de humor dela é duvidoso. Só que não parece estar a brincar. Já que não tenho linhas na palma, espero ao menos continuar a ter impressões digitais...

Larga-me a mão, quase a contragosto. Um silêncio embaraçoso. As duas olham para mim com uma expressão indulgente. Se é melhor fazer inveja do que meter pena, devo estar a seguir pelo caminho errado. Por outro lado, as mulheres parecem gostar de cães perdidos sem coleira. Se tivesse de escolher uma companheira, não saberia qual das duas. Ou talvez ambas. Está bem, é um lugar-comum. Mas de que serve ser o narrador de um romance se nem sequer podemos fantasiar um bocadinho? Nunca vos aconteceu perceber, a meio de um sonho, que estavam a sonhar? E pensar: «Fantástico! Agora posso fazer o que me apetecer.» Sem consequências. O pior que pode acontecer é acordar. Raios. E se forem um casal? Quero dizer, se estiverem juntas. Não sei se isso me devia excitar ainda mais ou desanimar completamente. Provavelmente as duas coisas. Está na altura de ir ao assunto, antes que a coisa descambe de vez. Explico rapidamente a possível troca de cartões. Talvez para se ver livre de mim, a loura aceita verificar.

Enquanto Mary Poppins vasculha as profundezas da mala, reparo nuns cartazes na parede. Anunciam um movimento vegano bastante radical. Defendem o reconhecimento dos animais como pessoas. A luta contra a exploração animal. Contra as torturas infligidas àqueles pobres seres indefesos que dizemos ser nossos amigos. E referem ações mais ou menos legais para lhes garantir os direitos. Depreendo que aquele escritório também é a sede de uma associação militante. A sua fachada legal. A morena repara na minha surpresa. «Interessa-se pela causa animal?» «Não especialmente. Quer dizer... Sim, mas...» Confesso que nunca pensei muito nisso. Em abono da verdade, não costumo comer os meus amigos. Aliás, não tenho nenhum. Portanto, a loura e a morena partilham pelo menos as mesmas convicções. Se não partilharem a mesma cama. «Se quiser juntar-se a nós, é bem-vindo.» Demoro um instante a perceber que só me está a convidar para o movimento vegano, que talvez tenha um braço de resistência armada. O entusiasmo diminui de repente. Digo que vou pensar no assunto... Já só quero sair dali.

A loura tira o seu cartão de identidade da mala. Portanto, aquele que tenho na mão não é o dela. Também é verdade que a fotografia pouco se parecia com ela. Mas as fotografias enganam. Na minha, eu tinha um ar de terrorista num cartaz de «Procura-se». Um sinal premonitório? Portanto, a vidente não se enganou. Não tinha perdido os

documentos. Espero que também não acerte na previsão de que o meu futuro é inexistente... Mas então por que coincide a morada? Há um prédio por cima da loja. A morada é a mesma. A porta de entrada fica um pouco mais adiante, na rua. Oito pisos. Três apartamentos por piso. Vinte e quatro possibilidades. Obrigado, sei multiplicar. Agradeço-lhes de qualquer modo e despeço-me, prometendo vagamente voltar para comprar qualquer coisa. Mas o quê?

Examino as caixas de correio. Não encontro o nome que procuro. Mas a mulher pode ter mudado de casa desde que tirou o cartão, que já tem uns anos. Começo a perguntar-me se o perdido não serei eu. Ninguém me confundiria com o inspetor Colombo: nem sequer sou capaz de encontrar o meu cartão de identidade. Ou será que a troca foi com outra pessoa? Noutro lugar? Antes? Mas com quem? Onde? Quando? Como? E, eventualmente, porquê? Sem falar na pergunta que começa a atormentar-me: e se a dona da Happy Dogs tivesse razão? E se não foi um engano?

Volto para casa de orelhas caídas e rabo entre as pernas. Já não sei em que situação estou metido. Pior: nem tenho a certeza de saber quem sou. Bem, é melhor pôr-me a trabalhar. Ou pelo menos tentar. Pego, contrariado, na encomenda que deixei à entrada. E aquele idiota ainda a deixou cair! Espero que nada esteja partido. Uma coisa tão frágil, e tão cara, deve vir bem protegida. Ainda assim, espanta-me o peso da caixa. Devia estar cheia de esferovite. Ao abri-la, encontro apenas uma enorme quantidade de plástico-bolha preso com fita adesiva. Mau pressentimento. Não será droga, pois não? Corto o plástico com uma faca para espreitar o conteúdo. Chamei-lhe presente, mas isto parece mais uma caixa-surpresa... Não é nada do que encomendei! E também não é haxixe. São livros... Aquele imbecil não só me entregou o documento errado como me deu a encomenda errada.

Regresso à Happy Dogs ainda mais furioso. Desta vez sou capaz de matar alguém. Há uma multidão no passeio, muito maior do que a fila habitual à hora da abertura. Uma sirene. Luzes a piscar. A polícia cercou a loja. Os bombeiros também estão lá. Apanho fragmentos de conversas. Falam de uma encomenda suspeita. Que ninguém veio levantar. Os especialistas em desativação de explosivos chegaram para a fazer explodir. Isto começa a cheirar muito mal. Ouço uma detonação abafada. Será que foi o computador que encomendei para escrever o meu primeiro romance que aqueles homens acabaram de destruir heroicamente, pondo a vida em risco? Como da outra vez, aparece o jovem psicopata com o molho de chaves. Nem parece surpreendido. A atriz que vi no café também observa tudo, misturada com os curiosos. Podia identificar-me à polícia, claro. Mas já é tarde para recuperar a encomenda. E pergunto-me se será boa altura. Prefiro afastar-me antes que me peçam os documentos. Até porque não os tenho...

Antes de sair, apanho do chão um panfleto. Fala de um movimento chamado Frente de Libertação dos Animais de Companhia. Será uma reivindicação do atentado? Mas porquê a Happy Dogs? É um sítio onde se cuida dos animais, não é? Não estamos propriamente num laboratório de experiências com animais. Seria como pôr uma bomba numa colónia de férias sindical para protestar contra a exploração dos trabalhadores. Ou atacar um centro de talassoterapia para defender as reformas dos idosos.

Por outro lado, vestir casacos aos cães, levá-los ao cabeleireiro e, às vezes, até ao psicólogo... Não será um atentado à sua dignidade canina? Sei lá, estou a tentar compreender. A hipocrisia humana para com os animais é espantosa. De um lado, temos os de companhia, que tratamos como filhos. Às vezes melhor. Ou, pelo menos, igualmente mal. Do outro, os que consideramos apenas carne para consumo. Como justificar esta duplicidade, tratando-se de seres vivos e sensíveis, tão evoluídos uns como os outros? Diz-se que um polvo é mais inteligente do que uma criança de três anos. E continuamos a comer lulas fritas. Porquê esta diferença de tratamento entre o porco, que dizem ser o animal mais próximo do homem, e o cão, que antes de ser o melhor amigo do homem foi um lobo? É uma espécie de racismo animal totalmente injustificado, pensando bem. Os europeus escandalizam-se porque na China se comem cães. Os ingleses horrorizam-se porque em França ou Espanha se come coelho, cavalo ou pernas de rã. Os hindus não comem vaca porque a consideram sagrada. Muçulmanos e judeus não comem porco porque o consideram impuro. Nada disto faz sentido.

E, pensando bem, uma bomba aqui, no centro da cidade, diante dos olhos de toda a gente, tem mais impacto do que num matadouro perdido no meio de uma triste paisagem rural, onde ninguém vai. Porque é que acham que os campos de concentração ficavam escondidos nas florestas? Para depois se poder dizer que ninguém sabia. Com os matadouros é um pouco a mesma coisa. Toda a gente sabe, mas na altura de comer um bife tártaro ninguém quer saber. Volto a pensar nas duas mulheres da loja onde nada se vende. Custa-me imaginá-las com sangue nas mãos, mas enfim... As aparências enganam. Terão alguma coisa a ver com este atentado?

Regresso a casa. Tinha encomendado o material necessário para escrever o meu primeiro romance: um computador portátil, algumas resmas de papel e tinteiros para a impressora. Portanto, não tenho com que escrever. Uma boa desculpa para continuar a não fazer nada... Examino mais de perto o conteúdo da encomenda. Agacho-me e pego num livro ao acaso. «As Páginas Brancas». É o título. Mas o volume é muito menos grosso do que uma lista telefónica. Estão a brincar comigo? Examino os restantes. São todos iguais. O nome do autor: é o meu! Quer dizer, o mesmo nome que consta no cartão de identidade que me deram por engano. Ou não... Estou cada vez mais perplexo. E se aquele documento for mesmo o meu? Mas eu não sou uma mulher. Pelo menos que eu saiba. Há limites para tudo. Devo estar a perder a cabeça. Já nem sei em que dia vivo. Volto a olhar para os livros. Então serão exemplares do meu primeiro romance? Aquele que eu julgava ainda não ter escrito... Não sei se devo considerar isso uma boa notícia. É uma história incrível. E agora que faço com tantos livros? Há pelo menos... Conto-os. Cem livros por caixa. Cinquenta caixas! Cinco mil exemplares! Que raio vou fazer com isto tudo? Nunca pensei propriamente escrever um best-seller. Mandaria imprimir quinhentos, no máximo. Já tenho medo do dia em que a tipografia me mandar a fatura...

Corro à livraria do bairro com um exemplar, para que me deem uma opinião. Como um ateu que encontra uma hóstia e a leva a um laboratório para saber se contém realmente o corpo de Cristo. Ou, pelo menos, vestígios de carne humana. Na era da Internet, entrar numa livraria é quase entrar numa igreja. Um ato de fé. Sabemos que Deus morreu, mas gostávamos de continuar a acreditar. Mostro à empregada a contracapa com a biografia da autora. A mulher do cartão de identidade. Diz que a conhece. É

cliente da livraria. Uma atriz que vive no bairro. Mas é claro! A mulher que vi no café! Devia ter acabado de sair da Happy Dogs. Foi a ela que empurrei na loja, não à outra. Definitivamente, não sou bom a reconhecer caras. Ou sou muito míope. Ou tenho grandes falhas de memória. Ou tudo ao mesmo tempo. «E acha que este livro se poderia vender?» A rapariga responde num tom condescendente: «Sabe como é, a edição de autor...» A dona da livraria aproxima-se e olha-me de uma maneira estranha. Agradeço e preparo-me para sair. Mal viro costas, a livreira afasta a empregada e murmura-lhe qualquer coisa, olhando na minha direção. Saio sem fazer perguntas.

Já na rua, volto-me uma última vez para a livraria. Na porta de vidro está afixado um cartaz. Um aviso de procura. Com a minha fotografia. Portanto, não sou o único à minha procura. Será alguém que encontrou o meu cartão de identidade e quer devolvê-lo? Costuma fazer-se isso com cães e gatos desaparecidos. Aproximo-me para ler. É um retrato-robô. Do presumível autor do atentado à Happy Dogs. Um terrorista perigoso, membro da Frente de Libertação dos Animais de Companhia. Do outro lado da montra, as duas livreiras continuam a olhar para mim. Uma já tem o telefone na mão. Desato a correr.

Chego a casa sem fôlego e fecho a porta, convencido por um instante de que estou a salvo. Mas mal entro, alguma coisa me intriga. Sinto uma presença. A polícia, já? Com cães-polícia, talvez. Parece-me sentir cheiro a pastor-alemão. Um rápido olhar confirma que não falta nada. Também não há grande coisa que se possa levar. Um ladrão que daqui saísse com alguma coisa merecia uma medalha. Na verdade, este apartamento nem sequer é meu. É uma sublocação. Ou melhor, um apartamento emprestado. Nunca vi o proprietário. Foi o inquilino anterior que me deixou as chaves debaixo do capacho antes de partir. Creio, aliás, que ele já não pagava renda havia muito tempo. É a isto que cheguei. Nem sequer estou realmente em minha casa, a polícia anda à minha procura e não tenho documentos. Quer dizer, tenho um cartão de identidade, mas não é meu. Continuo a inspeção até à divisão vazia que me serve de escritório. Também não falta nada. Pelo contrário... O meu velho computador, avariado depois de apanhar um vírus, voltou milagrosamente a funcionar. Está em cima da tábua apoiada em dois cavaletes que me serve de secretária. O ecrã está aceso. Há um ficheiro aberto. Leio. Tem apenas um título: «As Páginas Brancas». Mau pressentimento...

Volto à entrada e pego num livro ao acaso. «As Páginas Brancas» é mesmo o título do romance. Abro-o. Todas as páginas estão em branco... Como se todos os nomes de uma lista telefónica tivessem desaparecido de repente. Ou como um livro que ainda está por escrever. Mas quem vai escrevê-lo? Já é difícil vender livros quando as páginas têm alguma coisa escrita. Volto ao computador e fecho o ficheiro aberto para procurar outro no ambiente de trabalho, talvez com o texto completo. Sem me esquecer de guardar este, nunca se sabe. Mas guardar o quê? Além do título, está vazio. Grande título de treta. Não vai ajudar-me muito.

É nessa altura que a atriz entra em cena. Não em carne e osso. Aparece no fundo do ecrã do meu velho computador, ressuscitado dos mortos. O rosto dela está mesmo diante de mim, como num espelho, ligeiramente em relevo. Parece prestes a falar comigo. Uma imagem a preto e branco. Um pouco desfocada. Uma fotografia sobrenatural, como as que vi no estúdio daquela fotógrafa do além e da sua súcubo, adivinha de maus presságios. Talvez, além de colocarem bombas durante o dia, à noite,

na arrecadação da arrecadação, aquelas duas bonecas russas façam girar as mesas e ponham computadores a funcionar. E tenham feito aparecer, à distância, o holograma da autora desaparecida deste livro que ainda está por escrever... Quem é esta mulher que me enfrenta? Terá sido o fantasma dela que vi no café? Então vive na minha casa? Ou viveu aqui antes? A menos que seja eu que viva na casa dela... Já nem me atrevo a perguntar quem vive dentro de quem... Será possível que esta mulher seja a verdadeira autora do romance de que eu não passo de narrador? Eu que não queria cair nas manhas do romance experimental. Pois bem, consegui. Pelo menos não sou um cão. Embora...

O meu relógio voltou a andar. E eu também... Os cães não usam relógio. Isso tranquiliza-me um pouco. Embora alguns ponham casacos para ir ao cabeleireiro. Talvez dentro de cinco anos tenha conseguido encher de tinta todas aquelas páginas brancas, fazer-me um nome e vender os cinco mil exemplares. Escrever a minha vida. Ou a de outra pessoa. Como num sonho acordado. Porque até agora, a minha vida... Foi por isso que aquele imbecil resolveu trocar as cartas. Os cartões de identidade. É o meu primeiro romance. A minha primeira história. Não sei se haverá segunda. Não se chega a escritor enchendo páginas em branco de ideias negras. Abro de par em par a janela para deixar entrar a luz e contemplo os prédios em frente. Atrás de cada uma daquelas janelas, um nome na lista telefónica. Uma identidade de empréstimo. Fecho os olhos. O desenho das janelas fica impresso na minha retina. Inclino-me um pouco mais. Uma sensação fugaz, como se estivesse a cair para dentro. Antes que a memória se apague definitivamente e eu bata no fundo, tento entrar por uma daquelas janelas. Numa vida possível... Com sorte, não será uma vida de cão. Volto a abrir os olhos. Ainda estou vivo. Pelo menos, tanto quanto posso avaliar.

Tenho de sair. Nem que seja para fazer compras e encher o frigorífico. Caso contrário morro de fome e ficam resolvidos todos os meus problemas. Só há um pequeno inconveniente. Quando a polícia anda à nossa procura e não temos documentos em ordem, sair de casa é arriscado. Se quero continuar vivo. E livre. Só vejo uma solução. Tornar-me aquela mulher. Já que o cartão não corresponde à minha identidade, vou adaptar a minha identidade ao cartão. Resolvo dois problemas de uma vez. Terei documentos e registo criminal limpo. Posso criar outras complicações imprevistas, mas, a este ponto... Logo se vê. Até agora era um viajante a tentar atravessar a América com um mapa de França. Evidentemente, não encontrava a estrada nacional 7. Que risco corro se experimentar a Route 66?

Aproximo-me da porta do quarto de vestir e abro-a. Como a mulher do Barba-Azul, havia portas que eu não devia abrir. Sobretudo aquela. Não era propriamente a divisão de que mais precisava, tendo em conta a extensão do meu guarda-roupa. Encontrarei ali cadáveres de mulheres? As antigas esposas do proprietário... Aí é que eu ficava bem arranjado. O quarto de vestir está cheio de roupa de mulher. Afinal, a proprietária era uma mulher. Não fazia ideia. Deixou ali parte das suas coisas, cuidadosamente dobradas nas prateleiras ou penduradas nos cabides. Vou dar corpo àquela existência possível. À dela. É quase excitante. Quem nunca sonhou, um dia, mudar de pele?

Portanto, hoje começo uma vida nova. Uma vida de mulher. A vida daquela mulher que terei de reinventar, porque nada sei sobre ela. Sempre será melhor do que uma vida de

cão. Ou talvez não. Que diabo vou vestir para sair à rua? Primeiro irei à cabeleireira, para mudar de cara. Mais tarde, talvez, quando for um pouco mais velha, arranjarei um caniche. E hei de comprar-lhe um casaquinho. Voltarei então à Happy Dogs como uma verdadeira cliente, de cabeça erguida. Mas, para já, tenho um livro para escrever...

Continuo sem começar o romance da minha nova vida. E, quanto à ida à cabeleireira, por enquanto prefiro uma peruca. Até o meu verdadeiro cabelo crescer um pouco. Não será fácil, porque já não me resta muito. Aliás, tenho a impressão de que, depois de tudo o que passei, ainda me resta menos. Felizmente, no quarto de vestir do Barba-Azul também havia duas perucas. Uma loura e outra morena. Parecem cabelo verdadeiro. Talvez sejam os escalpes das últimas esposas, demasiado curiosas. Escolhi a loura. Mas não excluo mudar de cor um destes dias.

Resolvi apostar tudo numa carta. Ou vai ou racha. Vou voltar à Happy Dogs. Não tenho cão, mas digo que procuro um presente para o meu. Para o aniversário dele, por exemplo. Se não me reconhecerem, ganhei. Poderei viver a minha vida de falsa loura com documentos verdadeiros, sem ninguém me incomodar. Antes de sair, dou um jeito à cara. Um nadinha de maquilhagem. Sem vulgaridades. O pior são os saltos altos. Sobretudo nas escadas.

Até agora tudo corre bem. Na rua ninguém se volta para me olhar. Ganho confiança e vou até ao café. O empregado recebe-me com um «Bom dia, linda. Que vai ser?» Soa quase ordinário. É bom sinal. Bebo o café morno e saio, satisfeita. Sinto-me uma agente dupla. Em missão com identidade falsa. Quase uma resistente em tempos de ocupação. Uma espécie de Mata Hari em versão travestida. Mesmo assim, prefiro não abusar da sorte por hoje.

Para ser ainda mais convincente, resolvi pedir um cão emprestado. Está bem, o termo «emprestado» merece uma explicação. É um caniche todo preto. Suja menos. Estava a passear no parque, vestida de mulher, quando se aproximou de mim, de focinho húmido e rabo a abanar. Parecia não ter dono. Não estava preso a ninguém por uma trela nem trazia coleira. Com a louvável intenção de o salvar do canil municipal, concluí talvez um pouco depressa que se tratava de um cão perdido. Embora, quando me afastei com ele nos braços, me parecesse ouvir uma senhora muito gorda a gritar atrás de mim. Preferi não responder e apressei o passo. O mal estava feito. Já não podia voltar atrás. Alguns chamariam a isto rapto. Mas não tenciono pedir resgate. Só preciso do caniche durante umas horas, para fazer boa figura na Happy Dogs. É espantosamente fácil raptar um caniche. Mais fácil do que raptar uma criança, em todo o caso. E provavelmente muito menos arriscado. Além disso, que faria eu com uma criança? Passado o primeiro momento de surpresa, o cão mostrou-se bastante dócil. Vou guardá-lo em casa uns dias antes de o levar à rua. Para ele se habituar. E eu também.

Estou quase a afeiçoar-me ao bicho. Mal come. Passa o dia a dormir. Não sei como se chama. Entre duas sestas, antes de voltar a adormecer, olha-me com tristeza, e julgo entrever naquele olhar uma certa cumplicidade. Espero ao menos que tenha bons sonhos. No fundo, é um pouco como eu. Perdeu a identidade. Foi separado à força da única pessoa que o podia chamar pelo nome: a dona. Um novo nascimento, de certa maneira. Mais cedo ou mais tarde temos de cortar o cordão umbilical. E o cordão dele tinha a forma de uma trela. Devia dar-lhe outro nome? Podia dar-lhe o meu. Não o

estou a usar neste momento. Chamo-o pelo meu nome. Ele responde. Pelos vistos, tanto faz como lhe chamo. Desde que depois lhe dê a ração.

É a nossa primeira saída juntos. Como não consegui levar também a trela, seguro o caniche com um pedaço de corda. Espero não ter apertado demasiado o nó corredio deste novo cordão umbilical. Pelo menos parece ter percebido que não deve puxar com muita força. Desta vez vou diretamente à Happy Dogs. Ao entrar, o cheiro parece-me menos intenso e menos desagradável do que da primeira vez. Quase familiar. Talvez porque já vivo há algum tempo em casal com um caniche. Sinto-me em casa. Como se estivesse de regresso ao lar. Ou melhor, ao canil. Devo ter sido um cão noutra vida. Ao menos agora sei como é uma vida de cão.

O estagiário está lá. E a patroa também. Portanto, não achou necessário despedir aquele filho da mãe. A menos que seja mesmo filho dela. Ou amante. Algumas senhoras esperam pela sua vez no salão. Quer dizer, pela vez dos cães. Quando entro não há qualquer reação especial, além de um vago «Bom dia, minha senhora». Ninguém parece conhecer-me. Nem reconhecer-me. Aos olhos daquela respeitável comerciante sou uma cliente como outra qualquer. E com ar de quem pode tornar-se cliente habitual. Examino as trelas e as coleiras para o caniche. O jovem gigolô passa atrás de mim, quase a roçar-se. Murmura-me ao ouvido, com ar lascivo: «Procura alguma coisa em especial?» «Obrigada, estou só a ver.» Um depravado, é o que vos digo. A patroa continua a fazer de conta que não se passa nada. Deve estar à espera de que eu morda o isco para me fisgar. Mexe nuns papéis. Pega no telefone e marca um número. Estranhamente, o meu telemóvel começa logo a vibrar. Talvez tenha ido longe de mais. Bastou um telefonema e caí na armadilha. «Bom dia, senhor. Tenho uma boa notícia.» «Sim», respondo. «Encontrámos o seu cartão de identidade. A senhora trouxe-o cá. Pode passar na loja para o levantar.» Balbucio a resposta mais curta que consigo, tapando a boca com a mão. E guardo o telefone.

Escapei por um triz. Estou a transpirar. Um suor frio. Sinto-me como um peixe arrancado à água, já com metade da boca desfeita pelo anzol. Antes de o devolverem ao mar, num gesto de generosidade para com o reino animal. Por isso ainda não consigo avaliar as consequências daquela ressurreição tão repentina e inesperada da minha identidade original. Ainda em estado de choque, oiço as conversas. A Frente de Libertação dos Animais de Companhia reivindicou o atentado com a encomenda-bomba. Duas mulheres foram detidas. Pelo menos deixei de ser suspeito. Também reparei que já retiraram o meu retrato-robô das paredes da cidade. Mas eis que descubro, atrás da patroa, outro cartaz de procura. Desta vez é um caniche preto muito parecido com o que tenho comigo. Há uma fotografia, mas pronto. Não há nada mais parecido com um caniche preto do que outro caniche preto. Se for preciso, pinto o meu de branco. Por enquanto ninguém reconheceu o meu cão como protagonista daquele aviso de desaparecimento. É mais a corda que parece incomodar as outras clientes. É verdade que o pobre bicho está quase a sufocar. Afrouxo um pouco o nó à volta do pescoço. Escolho uma trela de couro e uma coleira a condizer. Pago e preparo-me para sair.

É então que uma mulher irrompe na loja como uma fúria. Esta posso dizer que é verdadeiramente obesa. Até me pergunto como conseguiu passar pela porta àquela velocidade. Aponta-me um dedo acusador e grita, num tom assassino: «Mas esse cão é

meu! Youki!» O caniche sai da letargia e levanta uma orelha. Parece que o nome lhe diz qualquer coisa. Começa a ganir, primeiro baixinho, depois mais alto. «Youki! É a mamã!» Todos os outros cães se põem a ladrar. E as velhotas a gritar comigo, ameaçadoras. Se fico ali, sou linchada. A mulher continua a berrar: «Youki! Youki! Vem cá, meu Youki!» Esquecendo-se do nó corredio à volta do pescoço, o caniche salta para a antiga dona. A corda estica-se como a de um arco e o nó aperta-se sobre a carótida como um laço. O cão fica suspenso em pleno salto e cai pesadamente no chão. Começa a ganir e a contorcer-se em convulsões. A mulher está quase a desmaiar. «Meu Deus, Youki!» A patroa corre a ampará-la, enquanto o estagiário corta a corda do enforcado com um golpe rápido de x-ato, arriscando-se a cortar-lhe também as cordas vocais. Aproveito a confusão para agarrar no meu cartão de identidade, que vejo em cima do balcão, junto do troco. E fujo a correr, apesar dos saltos altos.

Acabo a minha fuga desenfreada a coxear. Parti um salto. Ao virar da esquina, tiro a peruca e recupero o fôlego. Acabou o pesadelo. Voltei a ser eu. Recuperei os meus documentos. Sinto então uma presença atrás de mim. Um cão-polícia que me seguiu para me pôr a trela e levar para o canil? Já não tenho vontade de fugir. Nunca me senti tão só. Volto-me. É o presumível Youki. Mas será esse realmente o nome dele? E se a mulher que se diz sua dona for apenas uma mitómana, como eu? O caniche, esse, faz uma festa enorme. Ladra de alegria e abana o rabo. Como se não nos víssemos há meses, quando acabámos de nos separar. Já me mijou em cima. Parece que também ele se afeiçoou a mim. Afinal, nem vou precisar da trela.

Retomo o caminho com aquele cão pouco rancoroso. Embora tenha de o mandar tingir de branco. Continuo sem escrever o primeiro romance que fará de mim um escritor, mas ao menos ganhei um companheiro de viagem. Falta encontrar o caminho. A verdade é que nem sei se é cão ou cadela. O tempo está cinzento e húmido. À minha volta tudo é feio. Nada é certo, mas tudo é possível. Até o pior. Há muito que não se vê o sol por estas bandas. Daqui a menos de cinco mil milhões de anos estará morto. E a Terra com ele. Mas os cães não sabem disso. Felizes cães...

FIM

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

https://jeanpierremartinez.net/
https://comediatheque.net/

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

https://jeanpierremartinezmusic.com/

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade…

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comedias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites
https://comediatheque.net
https://jeanpierremartinez.net/

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.

Avinhão – Abril de 2024

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-200-5

Obra disponível para descarregamento gratuito